

Grécia e Roma no universo de Augusto

Ana Maria César Pompeu
Francisco Edi de Oliveira Sousa
(Orgs.)

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

**PLUTARCO, VIDAS DE TESEU E RÓMULO:
OS ALICERCES DE DUAS CULTURAS PARALELAS
(Plutarch, *Lives of Theseus and Romulus*:
the Bases for two Parallel Cultures)**

MARIA DE FÁTIMA SILVA²⁰⁷ (fanp13@gmail.com)
Universidade de Coimbra

RESUMO – Plutarco, na composição das *Vidas de Teseu e Rómulo*, assume a inevitável predominância de elementos de ficção, que o desviam de um propósito de verdade histórica. Reconhece, no entanto, a necessidade de recuar às origens, para estabelecer os fundamentos de duas culturas que a História tornou ‘paralelas’.

PALAVRAS-CHAVE – Atenas, Roma, fundadores, mito, história.

ABSTRACT – Plutarch, in composing the *Lives of Theseus and Romulus*, recognises the inevitable predominance of fiction in them, which contradicts the historical truth. But, at the same time, in order to establish the foundations of two cultures History made ‘parallel’, he accepts that it is necessary to go back to their origins.

KEYWORDS – Athens, Rome, foundation, myth, history.

No próemio com que abre a *Vida de Teseu* – que é, ao mesmo tempo, uma introdução às vidas dos dois fundadores²⁰⁸, não só do de Atenas, como também do de Roma –, Plutarco estabelece um primeiro contraste entre as duas tradições literárias a que, como biógrafo, se sente sujeito: a ficção mitológica e a História, de que a Biografia é a extensão. Confirmando a distinção que já Heródoto (1. 5. 3) estabelecera entre os dois tipos de narrativa, Plutarco sabe também delimitar com nitidez uma fronteira entre esses dois planos. A História, em contraste com a ficção mitológica, deve confinar-se a períodos de tempo acessíveis ao testemunho, deve permitir a averiguação e a verificação objectiva – de onde a etimologia da própria palavra²⁰⁹ – e limitar-se, se não à realidade dos factos, pelo menos a uma verosimilhança disciplinadora (*Th.* 1. 2: ‘Depois de ter percorrido épocas

²⁰⁷ Maria de Fátima Silva is a member of the Institute of Classical Studies in the University of Coimbra. As a researcher, she is part of the Centre of Classical and Humanistic Studies, and her preferred subjects are Greek ancient Literature – specially theatre and historiography – and reception studies.

²⁰⁸ Duff (1999: 302) valoriza a prioridade que, em geral nos pares de *Vidas*, é dada à grega, onde se estabelecem padrões e temas, a que a Vida correspondente do romano sobretudo obedece. Neste caso, o processo parece ter seguido, ao que nos informa Plutarco (*Th.* 1. 4-5), o caminho inverso e Teseu ter aparecido como o digno correspondente ateniense de Rómulo.

²⁰⁹ ἵστορία liga-se etimologicamente a ἵστωρ, uma velha palavra, já homérica, aplicada ao ‘juiz de um conflito’ e à ‘testemunha’, como aquela que, ‘por ter visto, sabe’ (οἶδα, ‘eu sei, por ter visto’, pertence ao mesmo grupo etimológico).

acessíveis à verosimilhança e o terreno sólido da História, que se apoia sobre factos, posso agora falar, com propriedade, de épocas anteriores’, τὸν ἀφικτὸν εἰκότι λόγῳ καὶ βλάσιμον ἱστορίᾳ πραγμάτων). Em consequência do que são premissas incontornáveis – o controle do tempo, que o é também da possibilidade de um testemunho directo –, o biógrafo tenderá a uma disciplina narrativa, que o submeta à veracidade dos factos, a um princípio de verosimilhança e lhe domine a imaginação.

Fora das fronteiras de um percurso temporal, acessível e comprovável, fica o mito, que se exprime como narrativa fantástica, de que o biógrafo, de certa forma, se distingue. Esse é o espaço de poetas e mitólogos (1. 3), que dispensam provas e evidências (πίστιν καὶ σαφήνεια) e abraçam, sem reservas, os prodígios e as lendas trágicas (τερατώδη καὶ τραγικά) como seu património. Logo, não só o material que elaboram é ‘fantástico’ no seu conteúdo, como a forma – que τραγικά também contempla – é própria dos objectivos ‘sensacionalistas’ da ficção.

E, no entanto, o biógrafo de Queroneia está disposto a correr o risco de tentar harmonizar duas metodologias, de abordagem e de discurso, tão contraditórias. É claro, nas suas justificações, que esta concessão à natureza do mito sucede mais tarde, depois que as diversas *Vidas*, obedientes ao espírito da História, foram já compostas (*Th.* 1. 2, 1. 4)²¹⁰. Plutarco sente então um atractivo por recuar às origens, e com isso cede à tentação de ultrapassar a fronteira que separa História de Mito. Mas qual o estímulo para que cometa tal ousadia? A resposta está também numa convenção cultural e narrativa, de grande peso pelo seu longo passado: a de atribuir a cada cidade notável um ascendente digno e sobretudo simbólico, do que veio a ser o seu futuro e o seu percurso histórico. Atenas, ‘bela e ilustre’ (1. 5), tal como Roma, ‘invencível e gloriosa’, merecem, ou mesmo necessitam, de um ‘fundador’ (οἰκιστήν)²¹¹, ou de um ‘pai’ (τῷ πατρί) à sua altura. Um simbolismo cultural e antropológico, que não a simples verdade histórica, recomenda o anacronismo da escrita; só depois de compostas as vidas ‘históricas’ dos mais ilustres dos seus filhos, se pode delinear, no perfil de um fundador mítico, aqueles traços que fazem dele o paradigma do espírito ou, se quisermos, da psicologia de um povo.

Em nome deste objectivo técnico – o de compor, no final, duas *Vidas* que são, também elas, proémicas do conjunto –, Plutarco está disposto a transigir com o

²¹⁰ Sobre a cronologia relativa da composição das diversas *Vidas* há divergências. Para alguns estudiosos – a que tendo a dar razão –, as *Vidas* introdutórias de Teseu e Rómulo são posteriores, não forçosamente a todas, mas certamente a várias outras – cf. Pérez Jiménez 2000: 152 n. 3-4. Geiger (1995: 171), por seu lado, pertence ao número dos que entendem estas *Vidas* como ‘expansões de uma intenção inicial de Plutarco de se concentrar nas biografias de personagens históricas’; e no mesmo sentido vão as opiniões de Flacelière (1948: 67-69) e Ampolo (2002: 282).

²¹¹ Plutarco manifesta alguma hesitação ao estabelecer, com a palavra mais apropriada, o papel que Teseu teve em relação a Atenas; ora se lhe refere como οἰκιστής (*Th.* 1. 5), ‘fundador’ da cidade, ora com o verbo συνοικίζω (συνώκισε, 2. 2), como ‘unificador’ do território ático sob a égide de Atenas.